

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS-TEL



Contradições em Carolina Maria de Jesus.

CARLOS FERNANDO RIBEIRO DA SILVA

MONOGRAFIA EM LITERATURA BRASILEIRA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS-TEL

Contradições em Carolina Maria de Jesus.

Trabalho apresentado à disciplina Monografia em Literatura Brasileira, do Departamento de Teoria Literária e Literaturas, para obtenção do grau de licenciado em Letras Português, sob orientação da Professora Doutora Germana Henriques Pereira de Sousa.

MONOGRAFIA EM LITERATURA BRASILEIRA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por sempre me ajudar a superar as dificuldades da vida e pela paz de espírito nas horas incertas.

À minha família pela atenção e compreensão nos momentos mais difíceis.

À minha orientadora, Germana Henriques, pelos ensinamentos que me colocaram no caminho certo e principalmente por não ter desistido de todas as ideias, boas e ruins.

Aos meus colegas letristas da UnB por toda a ajuda na revisão, opinião e crítica, sempre com um novo e especial olhar sobre o trabalho.

À professora Mônica Horta Azeredo pela ajuda com o material e por um dia ter me apresentado a obra de Carolina de Jesus.

Aos professores André Luis Gomes, Alexandre Pilati e Ulisete Rodrigues, pela maravilhosa formação acadêmica e humana.

Especialmente à Carolina Maria de Jesus, razão maior deste trabalho. Uma mulher especial que despertou em mim o prazer pela Literatura.

Obrigado sempre!

RESUMO

Carolina Maria de Jesus não é uma escritora tão conhecida como suas contemporâneas, mas mesmo assim é a escritora brasileira mais publicada no exterior. Essa é apenas mais uma das várias contradições que cercam a vida e a obra dessa verdadeira guerreira. Na sua obra temos o inesperado, o oculto e o esquecido. E é justamente esse lado desconhecido por todos que carrega as contradições existenciais, políticas, econômicas, humanas de um país em desenvolvimento- em desenvolvimentismo.

Ao analisar o Quarto de despejo- sua obra mais importante- encontramos índices muito importantes que nos revelam como o Brasil, até então pintado como país em um desenvolvimento impressionante, na verdade apresentava problemas graves nas mais diversas áreas, sobretudo a área social. Carolina de Jesus é o lembrete de que por mais mágico que parece o desenvolvimento de um país, há outro lado que pagará o preço por esse desenvolvimento. O preço foi pago por Carolina, e está tudo registrado em seu magnífico diário.

Palavras-chave: contradições; desenvolvimentismo; Quarto de despejo; Carolina Maria de Jesus.

ABSTRACT

Carolina Maria de Jesus is not so well known as her contemporary writers, but she is the Brazil's most published writer abroad. This is just one of many contradictions surrounding the life and work of this true warrior. In her work we have the unexpected, the hidden and the forgotten. And it is this unknown side of all the contradictions that carries existential, political, economic and human development in a country-in developmentalism.

In analyzing the Child Of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus her most important book, we find very important indices that reveal to us as Brazil, previously depicted as a country that has an impressive development, actually had serious problems in several areas, especially the social area. Carolina de Jesus is the reminder that it seems more magical by the development of a country, there is another side to pay the price for this development. The price was paid for Carolina, and everything is recorded in her wonderful diary.

Palavras-chave: contradictions; developmentalism; Child Of the Dark; Carolina Maria de Jesus.

SUMÁRIO

Introdução	06
Vida ou Ficção?	08
Poetiza e Escritora de diários	12
Antes e Depois da fama	17
Cidade e Favela	19
Sobrevivência	24
Considerações Finais	27
Bibliografia	29

INTRODUÇÃO

A vida e a obra de Carolina Maria de Jesus são repletas das mais diferentes contradições. É dessas contradições, de que fazem parte a vida e a obra de Carolina Maria de Jesus, que trataremos aqui. Quer no discurso, quer na vida, quer na própria condição existencial de marginalizada, ela nos apresenta um relato vivo e cruel de um período que entrou para os livros de História do Brasil como um milagre jamais visto antes: o milagre do desenvolvimentismo. É dessas contradições que trataremos aqui: contradições na forma de pensar, contradições enquanto escritora, contradições políticas, contradições literárias e tantas outras.

Independentemente do ponto a partir do qual se escolha analisar esse período, ninguém poderá negar que a obra (e a vida) dessa mulher é um acontecimento no mínimo impressionante.

Quando o *Quarto de despejo* era escrito por Carolina, o Brasil vivia os seus magníficos anos dourados. Na década de cinqüenta aconteceram grandes fatos políticos, econômicos, sociais, tecnológicos e culturais. Se por um lado o governo de Juscelino Kubitschek promovia um grande desenvolvimento estrutural no país, com seu plano de metas, nos campos da indústria, infra-estrutura e economia, por outro lado tínhamos problemas que não eram superados como a desigualdade social e os problemas ocasionados pela desenfreada e desorganizada urbanização, desembocando no aumento de favelas. Problemas como miséria e violência acentuaram-se e atingiram milhares de pessoas, entre elas Carolina e sua família.

O governo e os políticos da época acabaram esquecendo os favelados. Usavam da velha tática do pão e circo, visitando as favelas e os pobres apenas em época de eleições, e por isso não escaparam ao olhar sempre atento de Carolina, que criticava ferrenhamente os políticos da época.

Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do

pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o país dos políticos açambarcadores. (JESUS, 2004, p.35)

Juscelino também não ficou ileso à Carolina, aliás, é tão criticado que por vezes chega a ser ironizado: “Eu não gosto do Kubstchek. O homem que tem um nome esquisito que o povo sabe falar, mas não sabe escrever” (JESUS, 2004, p.70). Mas o *Quarto de despejo* é muito mais do que uma crítica política. Nele encontramos o lado que frequentemente é esquecido ou silenciado no Brasil: a voz do pobre, do oprimido, do explorado, em suma, a voz do povo.

Talvez seja mais importante partir da idéia de que Carolina de Jesus, envolta numa grande teia de contradições, nos forneceu uma maneira diferente de pensar o Brasil, a sociedade e a literatura. Sua obra, composta de trechos fragmentados e curtos, acabaram assumindo uma dimensão extremamente ampla nos campos sociológicos, históricos e literários. Nisso reside sua importância.

Tomarei por base sua mais importante obra (e também a mais conhecida): *Quarto de despejo* (1960), por acreditar que ali encontramos os pontos centrais para discutir Carolina de Jesus, mas não deixando de lado seus dois outros diários: *Casa de Alvenaria: o diário de uma ex-favelada* (1961), que descreve a vida de Carolina na cidade e o *Diário de Bitita* (1980), que descreve mais detalhadamente sua infância e sua vida promovendo uma espécie de auto-arquivamento. Essas três obras formam uma espécie de trilogia de sua vida e obra.

VIDA OU FICÇÃO ?

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, Minas Gerais, no ano de 1914. Coursou até o segundo ano do primário, onde aprendeu a ler e teve incentivado por uma professora o prazer pela leitura, algo muito importante em sua vida e em sua formação.

Em 1947, foi para São Paulo como mais uma migrante em busca de uma vida melhor. Trabalhou como empregada doméstica e catadora de papéis. Teve três filhos e nunca se casou. Em 1958 conheceu o repórter Audálio Dantas que mais tarde publicaria os escritos de Carolina, mudando para sempre sua vida. Em 1977, morre aos 62 anos após uma vida dedicada à criação de seus filhos e à leitura. Seu mais conhecido diário foi publicado em vários idiomas, sendo considerado uma obra chocante e importante fonte de denúncia da condição dos miseráveis. Além de *Quarto de despejo* também escreveu contos, poesias e outras obras como *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* e *O Diário de Bitita*, um diário de memórias que não chegou a ter grande conhecimento e destaque por parte da crítica e dos leitores quando de sua publicação em 1986.

O *Quarto de despejo* vai conduzindo o leitor por uma narrativa em que crítica política e denúncias se misturam. O leitor vai conhecendo a realidade nua e crua do ambiente a cada novo relato do diário.

Sua produção foi alvo de grandes críticas devido à grande quantidade de erros na escrita (grafia) e também pelo fato de Carolina não ser uma escritora já canonizada como seus contemporâneos modernistas. Com o passar do tempo, e com olhares de outras áreas, sobretudo da sociologia, sua obra começou a ser reconhecida como um importante acontecimento: era a mulher negra e favelada que escrevia, bradando do meio do lixo.

Ao invés de escritora consagrada como eram outros grandes escritores de seu tempo, Carolina faz parte do rol dos “intelectuais delirantes” que segundo Ana Cristina Chiara, são aqueles:

... que experimentam o áspero da vida, aqueles que trafegam pelo lixo, experimentam o refugio, o resto, o drama existencial da solidão, do desamparo, da pobreza.

... que ultrapassam limites perigosos da sanidade, da normalidade social, dos que esfolaram a consciência na paranóia.

... que ousaram viver a linguagem como elemento trágico de descoberta, que não dobraram a espinha ao fácil e queimaram a boca, a língua. (CHIARA, 2008, p. 02)

Um verdadeiro acontecimento em nossa literatura: mulher, negra, favelada e escritora. E é a sua face escritora que lhe dará projeção e destaque, pois é a escrita a responsável por elevar alguém da condição de marginal para a sociedade. Carolina é, então, alguém se valendo dos mecanismos de domínio cultural da elite, para denunciar para a elite (ou denunciar a própria elite) sua condição de excluída do processo desenvolvimentista dos anos cinquenta. Denunciando as injustiças, as durezas da vida dos marginalizados e os descasos por parte do Estado, Carolina representa muito mais do que a voz de uma parcela esquecida à própria sorte. Representa a voz que foi sufocada durante anos por todos aqueles que ficaram a enxergar apenas o lado positivo dos anos cinquenta e esquecendo que o chamado desenvolvimentismo também gerou um lado negativo, que endividou durante anos o país, causando miséria e desigualdade social. *Quarto de despejo* é a outra face do desenvolvimentismo de JK: o lado feio, sujo, pobre e esquecido pelo Brasil.

É o próprio Audálio Dantas, o descobridor de Carolina, que afirma em um prefácio intitulado “A atualidade do mundo de Carolina” que muitos escritores escreveram sobre o *Quarto de despejo*, “O que não impediu que alguns torcessem o nariz para o livro e até lançassem dúvidas sobre a autenticidade do texto de Carolina. Aquilo, diziam, só podia ser obra de um grande espertalhão, um golpe publicitário” (DANTAS, 2004, p 05). Essa reação destaca o impacto que os escritos dela causaram até mesmo entre os escritores da época.

A vida transformada em literatura acabou gerando algumas dúvidas a respeito da veracidade do texto. Não seria aquele diário uma farsa de alguém tentando inovar na literatura, criando uma personagem miserável com uma visão ampla do mundo onde vive e ao mesmo tempo chamando a atenção para os

acontecimentos sociais da época? É vida ou é ficção o que lemos nas páginas do diário? Pereira de Sousa também faz esse questionamento:

Apesar da definição problemática, a autobiografia tem de inerente ao gênero a possibilidade de expor as fraturas entre o real e o ficcional. Pergunta-se, o que é real e o que é ficcional? Qual a parte de cada um na literatura? (SOUSA, 2004, p.183)

A princípio, podemos até ficar em dúvida quanto à realidade (vida) ou à ficcionalidade, mas para chegar a uma resposta podemos analisar a temática do texto de Carolina. O que lá existe é a pobreza - da primeira à última página. Nos dizeres de Edgard Nolasco, “a pobreza é feia e promíscua porque não aceita metáfora. Logo, ela é o próprio *real* de uma realidade excludente ao vivo” (NOLASCO, 2006, p.58). Ou seja, a própria temática da obra já coloca o leitor em uma posição na qual é levado a tomar tudo como realidade, como uma verdade. Na obra há outros elementos que também nos ajudam a chegar a essa mesma direção, como por exemplo, o gênero do texto - diário, e a descrição detalhada do ambiente da favela onde vivia. Esses dois pontos serão tratados mais adiante.

Então, até agora pensamos Carolina sob a contradição da Vida versus Ficção de sua obra. Eis a primeira grande contradição que pode ser percebida a respeito da vida (e da obra) da autora: sua realidade era tão impressionante e desconhecida pela grande sociedade que foi confundida com ficção; com uma história inventada. Em um primeiro momento, muito se discutiu sobre seus escritos - se eram reais ou inventados. Essas discussões e dúvidas se infiltraram até entre os mais importantes escritores da época, mas com o passar do tempo as coisas foram colocando-se em seu devido lugar, e Carolina passou então a ser vista como uma marginalizada real, que contava uma história real, sobre uma exclusão real sentida na pele por ela e por seus filhos. Ora, se tudo ali é real, por que considerar seu diário um texto literário? Podemos responder a esse questionamento olhando para os personagens, mas em primeiro lugar é preciso considerar que o que lemos nos seus relatos é uma representação da realidade, logo, um recorte, e como tal transmite ao leitor o olhar que Carolina quer mostrar.

E o que ela nos mostra é uma infinidade de personagens. Dalcastagnè enfatiza que

É uma imensa galeria de personagens, outras apenas esboços – que abrange especialmente os moradores da favela, mas que se estende ainda pelas vias que levam à cidade, incorporando mendigos, vendedores ambulantes, donos de lojas do comércio, mulheres de classe média em suas casa bem montadas, atendentes de hospitais e delegacias. De cada um deles temos um vislumbre de vida, no momento exato em que sua existência cruza com o da protagonista. E esses encontros são, evidentemente, literários, usados para preencher a necessidade de dizer alguma coisa sobre o outro e, talvez, esclarecer para si o mundo. (DALCASTAGNÈ, 2002, pp. 65-66)

As Figuras de Linguagem usadas por Carolina também conferem ao texto um ar literário, por exemplo, em certos momentos ela usa uma metáfora ao chamar o sol de “astro rei”. Usa também muita comparação (como quando compara o governo JK a um cachorro que tenta morder o próprio rabo desgovernadamente). Não raro o texto de Carolina nos remete a imagens (aliás, este é um recurso muito comum usado pelos poetas), por exemplo, ao descrever o céu estrelado e o vestido que pretende fazer com parte daquele céu. Enfim, o texto retrata o real, mas há muitos traços literários que os tornam diferentes de um simples relato mais técnico, objetivo. Há a emoção da autora em seu texto, e isto confere uma áurea literária à Carolina.

Vida ou ficção? Um dos mais importantes poetas modernistas acabou resolvendo a questão. Audálio Dantas no prefácio “A atualidade do mundo de Carolina” nos afirma que

O poeta Manuel Bandeira, em lúcido artigo, colocou as coisas no devido lugar: ninguém poderia inventar aquela linguagem, aquele dizer as coisas com extraordinária força criativa mais típica de quem ficou a meio caminho da instrução primária. Exatamente o caso de Carolina, que só pôde chegar até o segundo ano de uma escola primária do Sacramento, Minas Gerais. (DANTAS, 2004, p. 05).

POETIZA E ESCRITORA DE DIÁRIOS

De acordo com Dalcastagnè:

Na narrativa brasileira contemporânea, é marcante a ausência quase absoluta de representantes das classes populares. Estou falando aqui de produtores literários, mas a falta estende-se também às personagens. (DALCASTAGNÈ, 2002, p.35).

O diário de Carolina resolve essa lacuna e ela aparece então como uma grande exceção, pois ao passo que é uma produtora literária vinda da classe popular, é também personagem, e é justamente esse narrador-personagem que assume nos relatos a função de falar de si e do outro. Mas como sabemos, essa não era a intenção de Carolina quando escrevia o *Quarto de despejo*, isto é, ela não almejava ser alçada à condição de escritora através de seus diários. Ela desejava ser reconhecida como escritora por que escrevia poesias, contos e romance.

O encanto e a destreza com as palavras fizeram de Carolina uma escritora muito conhecida, nacional e internacionalmente, quando da publicação do *Quarto de despejo*, em Agosto de 1960. São comuns os trechos em que ela afirma que antes de estar ali a escrever seu diário, já havia escrito outras obras. O uso do verbo no pretérito em seus relatos (“escrevi”) nos leva a crer que Carolina de fato escrevia muito mais do que nos era contado em seu diário, e de fato hoje já se sabe que ela escreveu paralelamente ao seu diário, inúmeros textos, peças teatrais, letras de música, poemas e inclusive romances que não conseguiram ganhar a mesma dimensão de seus textos memorialísticos. Apesar de toda a intenção da escritora em se notabilizar como uma grande poetisa, Carolina acabou sendo reconhecida principalmente por seus fragmentos rotineiros que narravam seu dia-a-dia. Eis aqui a contradição artística (ou existencial, dentro da literatura) que aparece em alguns trechos de seus diários. O objetivo maior da autora é tornar-se uma escritora importante. Isso fica claro com a publicação de

Pedaços de Fome (1963) e a coleção *Provérbios* (1963), financiada pela própria Carolina.

Letícia Pereira de Andrade afirma que:

Os diários são narrativas autobiográficas em que um *eu* de vida extratextual comprovada (ou mesmo com vida apenas dentro do texto) registra, com amparo de data, apoiado na clássica datação, anotações variadas, geralmente sobre um passado recém acabado, fragmentando a suposta experiência de vida (ANDRADE, 2008, p.80).

O diário é um gênero muito peculiar. Alguns escritores já se serviram desse gênero íntimo para, a partir da necessidade de falar de si e de suas experiências, representar o mundo a sua volta (intencionalmente ou não). Na literatura mundial podemos citar o caso de Anne Frank, uma jovem que viveu os horrores da Segunda Guerra no sótão de uma casa junto a seus familiares. A sua relação com o diário era tão íntima que inclusive lhe deu um nome, Kitty. Seu diário é muito importante, pois nos mostra o que as pessoas enfrentavam para tentar escapar da violência empregada pelos nazistas e quais as dificuldades e angústias que eram compartilhadas por todos. Constitui um importante relato das durezas de uma guerra em nível mundial.

Machado de Assis, também escreveu um importante diário. Aliás, o *Memorial de Aires* é sua última obra da chamada fase madura. Com uma “vida apenas dentro do texto”, conselheiro Aires, um embaixador sexagenário aposentado, vai descrevendo as relações existentes entre as pessoas da elite carioca do século XIX. Deixando de lado o enredo da história – que tem como ponto máximo o casamento entre Tristão e Fidélia, e sua posterior partida para Portugal deixando a gente Aguiar na profunda tristeza de pais órfãos – o que vale salientar é que esse diário nos fornece uma visão da sociedade carioca em um momento histórico: a Abolição da Escravatura, em 13 de maio de 1888, com a assinatura da Lei Áurea.

Ora, um romance também seria capaz de captar um momento histórico e projetá-lo na sua narrativa, em seus personagens e em seus conflitos. Mas o diário confere mais legitimidade e realismo, pois

A história do gênero diário parece gerar um modo cristalizado de leitura que exige do leitor uma posição particular, a de acreditar que está lendo toda a verdade, segredos inconfessáveis, um texto fiel ao acontecimento. (LETÍCIA, 2008, p. 82)

Ao escrever um diário para expor seu sofrimento, Carolina também capta um momento importante da nossa história – a década de 50. Todo o lado negativo do desenvolvimentismo de JK está presente na obra, condensada ao máximo e repetidamente colocada em foco.

Em uma espécie de ritual matinal, ela escreve e descreve o ambiente da favela, sua relação com seus filhos e vizinhos e o seu trabalho. Mas o diário em Carolina não lhe servia apenas para falar de seus dias no *Quarto de despejo*: sua escrita servia para expressar a fala de si e do outro (favelado) e também como instrumento de denúncia e poder, e ainda como forma de se diferenciar dos demais favelados.

De si, fala da rotina, da família, dos sonhos e fantasias. Dos favelados, acaba assumindo uma dupla postura, pois ora é a favelada que tem a função de denunciar os sofrimentos vividos por ela e pelos moradores do Quarto de despejo, ora é a moradora que vai denunciar as atitudes ruins que os favelados cometem (principalmente contra ela), e é relacionada a esta última postura que chegamos a mais uma função do diário: a diferenciação.

Não gosto de aludir os males físicos porque ninguém tem culpa de adquirir moléstias contagiosas. Mas quando a gente percebe que não pode tolerar a imprecância do analfabeto, apela para as enfermidades. (JESUS, p. 24)

Ou ainda: “Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar meu caráter.” (JESUS, p. 13).

É justamente o fato de ler e escrever que serve como justificativa para a autora colocar um distanciamento entre si e os favelados. Carolina inclusive ameaça alguns vizinhos dizendo que escreverá as maldades que cometem contra ela, que publicará tudo. É a escrita assumindo poderes de diferenciação e de denúncia.

Apesar de toda a intenção de ganhar destaque com seus outros escritos, a fama surgiu a partir da descoberta do *Quarto de despejo*, por Audálio Dantas. Mas por que Carolina não conseguiu expandir seu espaço dentro da literatura já que se tornava uma escritora conhecida? José Carlos Meihy levanta uma hipótese interessante:

Desdobramento de perplexidades é o fato de Carolina ter tido chances de, exclusivamente em cima do *Quarto de despejo*, ter conseguido divulgação em teatro, na medida em que “sua vida” foi encenada, virou “caso especial” na televisão, conseguiu gravar dois discos. Com isso, infere-se que a sociedade estava disposta a aceitar a desgraça da vida de Carolina relatada no diário como alternativa de se mostrar, aparentemente, mais flexível. Só. (MEIHY, 1998)

E segundo Germana Henriques Pereira de Sousa:

para ela sua melhor produção era a poesia e a prosa de ficção (escreveu vários romances e só *Pedaços da fome* foi publicado até hoje), para seus editores o que importava eram os diários. (SOUSA, 2004, p.140)

Meihy levanta a idéia de que a sociedade estava mais interessada em conhecer apenas o lado duro da vida de Carolina, sem contudo se interessar por suas outras produções, pois seus depoimentos eram mais impactantes e

chamavam mais a atenção de todos. Por outro lado, Carolina acreditava ter mais talento na função de poetiza. O fato é que Carolina, mesmo objetivando alcançar posição de escritora de poemas e ficção, só consegue ter seu grande reconhecimento dentro da literatura devido ao seu diário.

Anne Frank e Carolina de Jesus se aproximam nessa contradição existencial dentro da literatura, pois ambas desejavam ser escritoras famosas, mas acabaram se tornando conhecidas por seus relatos íntimos, descobertos por acaso. Anne não sobreviveu para remoer essa contradição que talvez nem ocorresse. Já Carolina imaginava que toda a sua força vinha do fato de ela ser uma poetiza, mas mal podia imaginar que dia após dia ela engendrava uma obra densa e muito impactante.

O próprio Audálio Dantas escreve:

Agora você está na sala de visitas e continua a contribuir com este novo livro, com o qual você pode dar por encerrada a sua missão.[...] Guarde aquelas “poesias”, aquele “romance” que você escreveu. A verdade que você gritou é muito forte, mais forte do que você imagina, Carolina...[...] (DANTAS, 1961: 10, grifos do autor)

Por mais que isso pareça uma previsão feita por Dantas, mas na verdade era a consciência de que Carolina dificilmente conseguiria expor de forma tão impressionante nas suas próximas publicações. *Quarto de despejo* abriu as portas para Carolina, mas também fechou as portas para seu ideal de se tornar escritora de contos, poemas etc. A tão sonhada ascensão social foi alcançada, mas os voos mais altos na literatura não chegaram a acontecer.

ANTES E DEPOIS DA FAMA

O *Quarto de despejo* foi publicado e Carolina passou então a ser muito conhecida. Deu muitas entrevistas, apareceu em jornais e conseguiu sair da favela do Canindé. Após toda essa reviravolta em sua vida, enfim, ela pôde se dedicar ao seu desejo maior que era se tornar escritora. Mas isso não aconteceu. Já levantamos a hipótese de que a sua miséria transcrita para as folhas de papel era mais atraente para o público do que sua literatura convencional, seus contos, poemas. Mas há outro fator que ajuda a explicar a não-continuidade do sucesso de Carolina. Um fator político.

Se anos antes Carolina denunciava e bradava contra o governo JK, agora (após passar a ser conhecida) o momento político não permitia. Eram os anos de chumbo, onde houve censura branda e ferrenha contra artistas e suas produções. A obra de Carolina sofreu uma espécie de censura branda, pois partiu das editoras que temiam uma repressão mais séria do governo militar. Sem editores Carolina chegou a publicar uma obra, *Provérbios* (1963), por meios próprios, mas que também não chegou a ter grande destaque.

Se tivéssemos de escolher uma palavra para resumir Carolina Maria de Jesus, eis que várias surgiriam em nossas cabeças, como pobreza, miséria, força, preconceito, exclusão, etc. Mas acredito que há uma palavra capaz de amarrar todas as outras e ainda resumir bem sua figura: deslocamento. Sim, há em Carolina e em sua obra uma grande sensação de deslocamento que a acompanha nos momentos mais difíceis antes de ser famosa e após a fama.

Quando vivia na favela Carolina se sentia uma estranha convivendo entre favelados- e inclusive tentava se diferenciar usando para isso a escrita-, após se mudar para casa de alvenaria, esse sentimento de não-pertencimento continua acompanhando-a. Ao ser questionada sobre as transformações que ocorreram na sua vida após a publicação do *Quarto de despejo*, ela foi taxativa ao falar da decepção. O trecho a seguir foi extraído de depoimentos e textos de Carolina e publicado sob o título “A literatura e a fome”. Essa entrevista está disponível na edição do *Quarto de despejo* aqui estudada.

Mas foi bom mudar de vida escapar da miséria e conhecer um mundo diferente daquele da favela?

Decepção. Pensei que houvesse mais idealismo, menos inveja. Mas aqui há não só muita ambição, mas também o desejo de vencer a qualquer preço. Mesmo que os meios empregados sejam podres. Quando matei um porco, lá na favela do Canindé, alguns vizinhos exigiram um pedaço de carne. Rondavam meu barraco feito bicho que fareja presa. Lá na favela era o porco, aqui é o dinheiro. No fundo é a mesma coisa. Lembrei do meu provérbio: “Não há coisa pior na vida do que a própria vida”. (JESUS, 2004, p. 173)

Após conseguir ascender socialmente Carolina percebe que a ganância das pessoas não acaba à medida que conseguem um padrão de vida que dê para viver relativamente bem. Na favela e na cidade a luta é pela sobrevivência. Na favela sobrevive-se à fome, e na cidade sobreviver é manter o status. Ter status é uma condição necessária para continuar em determinada classe social. Comer é uma condição necessária para se estar vivo. Independentemente do lugar onde elas estejam, as pessoas vão sempre lutar para sobreviver. Sobreviver “onde?” e “a quê?” é que vai determinar o contexto, ou melhor, as ambições.

Carolina se mostra muito desiludida, mesmo após realizar seu grande objetivo que era sair da favela e dar condições melhores de vida para seus filhos. Após essa transição ela conheceu um mundo mais cruel, onde o dinheiro e os interesses políticos são ainda mais importantes na sociedade.

CIDADE E FAVELA

É a partir de dentro de seu barraco que Carolina nos apresenta a favela do Canindé. Durante as madrugadas, ela se levanta para escrever e falar sobre um ambiente bem peculiar. O chão é sujo – há lama e esgoto. Mônica Azeredo, ao estudar o documentário *Estamira* e a obra *Quarto de despejo* nos afirma que “Apesar da literatura e do cinema não oferecerem a possibilidade de se trabalhar com o olfato – o leitor/ espectador não é capaz de sentir o cheiro diegético-, há um forte apelo nessas obras que remete ao conceito de odor” (AZEREDO, 2001)

As casas são feitas em madeira. Não há água encanada, por isso todas as manhãs muitas mulheres se aglomeram em volta da torneira para encher seus baldes. É interessante notar como os sentidos do olfato e da audição acabam sendo estimulados. O chão cheio de fezes e de lixo. As brigas, as gritarias, os xingamentos que ocorrem de noite, as longas tosses de tuberculose de seus vizinhos, os casais a fazer amor de madrugada, e as “sinfonias matinais” dos pássaros pela manhã nos revelam um cenário de extrema sonoridade. Bem verdade que não é uma sonoridade tão harmônica. Há certo ar de desarmonia dos sentidos nos relatos de Carolina.

Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar em atração. Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga. (JESUS, 2004, p.42)

Os termos “esfarrapados”, “andar curvado” e “lugar sem atração” dão a idéia de desarmonia visual; desequilíbrio. Os termos “lama podre”, “excrementos” e “pinga” remetem à desarmonia olfativa, pois são odores muito fortes. A favela não é descrita com uma pobreza idealizada como o samba faz, por exemplo.

Na letra a seguir, do sambista Arlindo Cruz, temos toda uma poetização do local onde vive. Vejamos:

MEU LUGAR- Arlindo Cruz

O meu lugar
É caminho de Ogum e Iansã
Lá tem samba até de manhã
Uma ginga em cada andar
O meu lugar
É cercado de luta e suor
Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar
O meu lugar
Tem seus mitos e Seres de Luz
É bem perto de Osvaldo Cruz,
Cascadura, Vaz Lobo e Irajá
O meu lugar
É sorriso é paz e prazer
O seu nome é doce dizer
Madureiraaa, lá lá laiá, Madureiraaa, lá lá laiá
...
Doce lugar
Que é eterno no meu coração
E aos poetas trás inspiração
Pra cantar e escrever
Ai meu lugar
Quem não viu Tia Eulália dançar
Vó Maria o terreiro benzer
E ainda tem jogo à luz do luar

Apesar de a letra de Arlindo Cruz não ser muito antiga, ela nos serve para retratar bem a característica poética do samba. Carolina de Jesus faz o inverso, isto é, usa termos como “lama podre” e “excrementos” para caracterizar a favela. Já a cidade é caracterizada com os termos “perfume” e “flor”. Em outras palavras, podemos afirmar que Carolina faz um jogo de oposições e assim vai construindo dois cenários distintos: favela e cidade, ou seja, o não-ideal e o ideal.

Passando ao indivíduo que habita esse ambiente em desarmonia, o que temos é um complemento do meio. Violento, pornográfico, sujo, sempre envolvido em brigas. Maridos que espancam suas mulheres. Mulheres que fazem escândalos: “A briga para elas é algo tão importante como as touradas de Madri para os espanhóis” (JESUS, 2004, p.74). Em sua maioria, os adultos vivem ofendendo Carolina de Jesus e brigando com seus filhos. São comuns relatos como o registrado abaixo:

A Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E estou revoltada com o que as crianças presenciavam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente. (JESUS, 2004, p.10)

O ambiente e seus ocupantes parecem muitos hostis e até perigosos. Não raro Carolina faz julgamentos morais acerca das condutas de determinados moradores. Ora ela critica os homens preguiçosos e violentos que são sustentados por suas mulheres, e em outros momentos critica algumas mulheres, que trocam de homens como trocam de roupa.

É interessante notar a comparação elaborada por Carolina da favela com a cidade:

Quando eu estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. (JESUS, 2004, p.33)

A cidade desenhada por ela parece um ambiente mágico, belo e ideal, e o olhar que Carolina tem a respeito das pessoas da cidade é um olhar quase sempre bondoso, mesmo quando é maltratada, insultada ou injustiçada quando está trabalhando:

Saí a noite, e fui catar papel. Quando eu passava perto do campo do São Paulo, várias pessoas saiam do campo. Todas brancas, só um preto. E o preto começou insultar-me: - Vai catar papel minha tia ? Olha o buraco, minha tia. (JESUS, 2004, p.12)

Ou ainda:

-Eu vim aqui pedir um auxílio porque estou doente. O senhor mandou-me ir na Avenida Brigadeiro Luis Antonio, eu fui. Avenida Brigadeiro mandou-me ir na Santa Casa. E eu gastei o único dinheiro que eu tinha com as conduções.

- Prende ela!

Não me deixaram sair. E um soldado pois a baioneta no meu peito. Olhei o soldado nos olhos e percebi que ele estava com dó de mim. Disse-lhe

-Eu sou pobre, porisso é que vim aqui.

Surgiu o Dr. Osvaldo de Barros, o falso filantropo de São Paulo que está fantasiado de São Vicente de Paula. E disse:

-Chama um carro de preso! (JESUS, 2004, p. 38)

É curioso notar como esses trechos na cidade terminam sem nenhum comentário a mais, e pouquíssimos comentários morais acerca do caráter das pessoas. Na favela Carolina constantemente fala de suas vizinhas dizendo que tal vizinha é fofoqueira, outra é invejosa e etc..

Os sentimentos ruins, como a raiva, parecem estar reservados para o ambiente da favela, onde tudo é violento e perigoso. Inclusive, até as formas de xingamentos são diferentes, pois quando está na favela ela chega a discutir e a xingar algumas vizinhas, mas na cidade os xingamentos são apenas feitos em seus pensamentos.

E fazendo uma observação mais ampla, ela nos apresenta São Paulo da seguinte forma:

...Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (JESUS, 2004, p.28)

As pessoas que vivem no “jardim” são descritas como pessoas boas, gentis e educadas. Pessoas muito diferentes das pessoas “lixos”. Esse é o recorte que Carolina nos revela em seu diário. Essa não é a verdade absoluta dos fatos, pois todos sabem que há pessoas boas e más em qualquer local independentemente de morar em uma favela ou uma cidade, mas essa é a verdade de Carolina. Para ela os favelados são pessoas más e na cidade tudo é

perfeito. Essa é a sua experiência de vida e é por isso que ela nos apresenta esse recorte em seus textos.

Como um diretor de cinema que detém na tela da câmera o poder de mostrar e ocultar o que lhe convém, Carolina vai relatando os pontos mais importantes de seus dias. E pensando nesse paralelo, podemos concluir que a forma como Carolina descreve os ambientes da favela e da cidade são fruto de suas próprias escolhas, e muito provavelmente elementos da favela e dos favelados foram ocultados, assim como os elementos da cidade. Daí fica fácil compreender o porquê de não aparecer com frequência a raiva quando o ambiente é a cidade, ou a bondade quando o ambiente é a favela.

É quase improvável pensar em uma mulher negra, favelada e catadora de papéis, que caminhava pela cidade não ter sofrido insultos e preconceito no seu dia-a-dia. Assim como é impensável uma mulher viver sem a ajuda de alguns vizinhos. Pode ser que ela tenha optado por varrer para debaixo do tapete todas as injustiças que sofria na cidade e escolhido dar mais enfoque nas injustiças e durezas enfrentadas na favela e podemos entender isso da seguinte forma: se Carolina tem um projeto de ascensão social em sua cabeça, que é sair da favela e ir para a cidade, ela tem de justificar isso. Então primeiramente ela descreve a favela com todo seu lado ruim, em tom de denúncia, e ao mesmo tempo constrói uma cidade idealizada como um perfeito “palácio”.

Até quando é intimada a comparecer na delegacia, por causa de um problema com seu filho José Carlos, ela consegue ver na autoridade do tenente uma característica bondosa e digna da admiração:

Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amável! Se eu soubesse que ele era tão amável, eu teria ido na delegacia na primeira intimação. (JESUS, 2004, p.26)

Podemos interpretar esse trecho em um sentido bem mais amplo, pois não é apenas a polícia que está a seu lado lhe dando conselhos, mas também, é a lei que está a seu alcance. Na favela isso não acontece. A polícia quando lá entra, é para resolver brigas e não para se mostrar amiga dos favelados.

Outra característica que chama a atenção quando Carolina está trabalhando é o fato de ela conversar sobre política com algumas pessoas.

Eu estava indispostas, com vontade de deitar. Mas, prossegui. Encontrei várias pessoas amigas e parava para falar. Quando eu subia a Avenida Tiradentes encontrei umas senhoras. Uma perguntou-me:

- Sarou das pernas?

Depois que operei, fiquei boa, graças a Deus. E até pude dançar no Carnaval, com minha fantasia de penas. Quem operou-me foi o Dr. José Torres Neto. Bom médico. E falamos de políticos. Quando uma senhora perguntou-me o que acho do Carlos Lacerda, respondi conscientemente:

- Muito inteligente. Mas não tem educação. É um político de cortiço. Que gosta de intriga. Um agitador.

Uma senhora disse que foi pena! A bala que pegou o major podia acertar no Carlos Lacerda.

-Mas o seu dia... Chegará – comentou outra.

Várias pessoas afluíram-se. Eu, era o alvo das atenções. Fiquei apreensiva, porque estava catando papel, andrajosa. (JESUS, 2004, p.12)

O relato acima faz referência a um momento muito importante para a história do Brasil e que foi uma das causas do enfraquecimento de Getúlio Vargas: o Atentado na Rua Tonelero.

As referências sobre política quando feitas fora da cidade, são em forma de citação. Normalmente ela não conversa sobre política com os outros favelados. Na cidade, este tipo de diálogo parece ocorrer com certa frequência, então podemos dizer que quando Carolina está na cidade ela se sente uma cidadã por completo. A lei e a política fazem parte de seu cotidiano quando na cidade.

Podemos ainda notar que na cidade Carolina trata as pessoas que passam por ela como “amigas”. Na favela ela não tem amigos. Geralmente são pessoas que não gostam dela. O máximo que temos representado através de suas falas é a admiração por algumas poucas mulheres, por não levarem uma vida promíscua.

Descritos e analisados os dois ambientes onde viveu Carolina de Jesus, a pergunta que fica é a seguinte: qual a importância desses dois ambientes e qual a contradição que está por trás dessas descrições nos relatos? Ora, esses relatos são a confirmação de que o governo JK não promoveu apenas o desenvolvimento da nação. Muitos brasileiros ficaram excluídos desse processo desenvolvimentista, e os escritos de Carolina talvez sejam a única prova escrita produzida por um desses excluídos. A favela do Canindé, ou o Quarto de despejo como espaço físico, representa, portanto, a contradição histórica do modelo econômico implantado pelo governo de JK. O Brasil se desenvolvia cinquenta anos em cinco, enquanto o Quarto de despejo estava estacionado na Idade Média.

SOBREVIVÊNCIA

Até aqui constatamos algumas importantes contradições presentes nos escritos e na vida de Carolina de Jesus. Questões relativas à realidade e à possível ficcionalidade de seus escritos, à autora-personagem escritora de diários e poemas, à cidade e à favela, entre outras. Após esse caminho, podemos, agora, analisar um dos pontos de extrema importância no *Quarto de despejo*: a questão da sobrevivência. Ao questionar a sobrevivência, acredito que chegamos a uma das questões centrais para entender Carolina de Jesus, pois pensar a sobrevivência em um contexto de exclusão social, abandono e miséria nos faz imediatamente pensar na temática da fome. Ora, Carolina levanta-se cedo todos os dias, busca água, suporta a fofoca de suas vizinhas, caminha até a cidade, carrega grandes sacos com papéis, latas e ferro para no fim do dia conseguir alimentar seus três filhos. E essa dura jornada se repete durante anos. Mas pergunto: seria essa a maior luta de Carolina? Acredito que não, pois o maior desejo de Carolina era sair do “quarto de despejo” e levar sua família para um lugar melhor, onde pudesse dar uma boa educação para seus filhos.

Constantemente somos levados pelo imaginário de Carolina, em que ela nos apresenta seus sonhos:

30 DE JULHO... Escrevi até tarde, porque estou sem sono. Quando deitei adormeci logo e sonhei que estava noutra casa. E eu tinha tudo. Sacos de feijão. Eu olhava os sacos e sorria. Eu dizia para o João:

-Agora podemos dar um ponta-pé na miséria.

E gritei:

-Vai embora, miséria!

A Vera despertou-se e perguntou:

-Quem é que a senhora está mandando ir-se embora? (JESUS, 2004, p.162)

Em seus sonhos, ela vive em uma casa limpa, com uma boa vizinhança e com comida. Mas a sobrevivência de Carolina não significa uma vitória sobre a fome, e sim contra o meio. Carolina afirma: “O meu dilema é sempre a comida!” (JESUS, 2004, p.45), mas sempre consegue um meio de manter a si e a seus filhos. Seja catando no lixo, vendendo papéis, ganhando ou pedindo, a fome quase sempre é superada. Já a briga com o meio é constantemente destacada:

...Quando estou com pouco dinheiro procuro não pensar nos filhos que vão pedir pão, pão, café. Desvio meu pensamento para o céu. Penso: será que lá em cima tem habitantes? Será que eles são melhores do que nós? Será que o predomínio de lá supera o nosso? Será que as nações de lá é variada igual aqui na terra? Ou é uma nação única? Será que lá existe favela? E se lá existe favela será que quando eu morrer eu vou morar na favela? (JESUS, 2004, p.45)

Como se nota, a questão da fome é levantada e se desenvolve e até a questão do meio. Carolina termina o trecho preocupada com a existência de favelas até no céu (é interessante notar como Carolina recorre a esse recurso de olhar para o céu e o descrever. Ela constantemente inclui o elemento “céu” nas suas narrativas) como uma espécie de fuga. O céu parece ser a única coisa de bela ao alcance de seu olhar na favela.

O fragmento textual que segue nos serve como um índice para inferir que a favela exercia grande pressão sobre Carolina. Ela tinha uma noção clara de que as pessoas que ali viviam acabavam mudando sua forma de ser, e inclusive nos relata isso em outro momento:

... As vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início são iducadas, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes. São diamantes que transformam em

chumbo. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo. (JESUS, 2004, p.34)

A tensão existente entre a favela, seu local de moradia, onde sofreu e passou por muitas dificuldades e a cidade, o local onde conseguia seu sustento, tinha amigos, era uma perfeita cidadã é percebida em seus escritos. Temos nas páginas do *Quarto de despejo* não apenas a luta pela sobrevivência à fome, mas principalmente o desejo de sair daquele lugar. Sobreviver, então, significa não ser incorporado ao meio, e não uma luta contra a fome. Sobreviver é mudar de classe social.

Lutando para sobreviver ao meio, Carolina segue sua jornada diária. Mas ao invés de lutar ferozmente para sair da favela, se rebelando ou fazendo algo do tipo, ela se posiciona de um modo diferente, adotando uma aparente postura submissa conforme percebeu Silva:

Estratégias de recusa, silenciamento e indiferença, para aqueles que se encontram nos limites da existência humana, sem apoios institucionais, familiares ou coletivos, podem ser entendidos como formas solitárias de luta. Este é um caminho possível para se entender a autora no enfrentamento do racismo e da vida miserável que experimentou na favela do Canindé, cujo realismo provocou um primeiro choque na consciência nas camadas abastadas que viviam nos anos de 1960 embalados pela ideologia do desenvolvimentismo e dos anos dourados. (SILVA, 2007, pp. 104-105)

Temos, então, outra contradição a respeito de Carolina que, ao invés da rebeldia e da revolta, adota a indiferença (aparente) para seguir sobrevivendo. Ela não sai fazendo protesto, não vai a gabinetes de deputados e tão pouco mobiliza a vizinhança para garantir seus direitos. Toda a força que poderia ser empregada para se revoltar é canalizada para seu diário. É no diário que temos a força de Carolina. Nele temos o grito de denúncia, o barulho, o olhar crítico sobre tudo e sobre todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ler o Quarto de despejo, notamos algumas contradições no pensamento de Carolina que aparecem dissolvidas ao longo do texto literário. Em determinados momentos ela ofende algumas mulheres dizendo que não depende de pão de igreja para seu sustento, em outros aparece relatando a ajuda que fora receber na igreja. Se em certos momentos critica as palavras de baixo calão, em outros até fala mal (internamente) de uma favelada. Dependendo da situação, seu posicionamento varia e as contradições aparecem naturalmente.

Algumas contradições podem ser percebidas, se analisadas de uma forma mais ampla. Por exemplo, se formos analisar o próprio gênero da obra: um diário – que segundo a opinião do próprio descobridor de Carolina é “um gênero de texto, em princípio, pessoal e intransferível”, mas que acaba por entrelaçar várias histórias de outras pessoas. A sua função primeira é a de falar do narrador-personagem, Carolina, mas acaba servindo a todos, como instrumento de denúncia social.

Outra contradição se refere ao fato de algumas temáticas serem sempre retomadas. Miséria, fome e violência compõem os relatos da quase totalidade dos dias do diário. Mas ao invés de o leitor se acostumar com esse cenário, acaba ficando cada vez mais chocado com as brigas, mortes e com a luta contra a fome. Não há como se acostumar com a imagem do chão sujo de lama e excrementos, nem com a sopa feita de ossos cozida em algumas latas velhas. Tão pouco com crianças recolhendo doces sujos de lama para comer e não morrer de fome. A repetição é sempre chocante e não um índice de banalização.

Podemos ainda elencar as contradições analisadas nos primeiros momentos deste trabalho: a vida tão impactante que chegou a ser confundida com ficção; a poetiza que só conseguiu ganhar reconhecimento com seus escritos íntimos; o antes e o depois da fama, permeados pela sensação de deslocamento; a sobrevivência ao meio e não à fome.

Ainda temos uma contradição ainda mais abrangente: a do “quarto de despejo” como local físico. Ora, o país passava por uma grande onda de desenvolvimento e crescimento nacional, com o chamado “plano de metas”, que

buscava desenvolver o Brasil 50 anos em 5. A favela do Canindé representa, nesse contexto de Brasil, toda a contradição do desenvolvimentismo social, econômico e estrutural. Se havia indústrias se fortalecendo e gerando milhares de empregos, também havia os que ficaram à margem desse processo.

Quarto de despejo é além de um retrato da vida dos marginalizados, um retrato três por quatro do que ocorreu no país em um sentido mais amplo: a dicotomia desenvolvimento x retrocesso; riqueza x pobreza; luxo x lixo.

Temos ainda o modo como Carolina é vista pelos favelados e pelas pessoas da cidade. “Vista da favela, Carolina Maria de Jesus ascende como escritora, visto do lado de fora, ela permanece como uma voz subalterna, como a favelada que escreveu um diário” (DALCASTAGNE, 2002, p.67). Essa e as outras contradições apresentadas podem ser entendidas se considerada a sensação de deslocamento existente entre autora e matéria narrada, pois “Como escritora, a protagonista de *Quarto de despejo* se sabe diferente, alheia ao universo que narra. Nisso reside boa parte de sua ambigüidade” (DALCASTAGNE, 2002, p.66).

Aliás, por trás da maioria das contradições elencadas até aqui, percebo que muitas estão relacionadas com a sensação de deslocamento que Carolina apresenta. Na favela se sentia uma estranha vivendo entre marginalizados; na cidade, apesar de melhorar consideravelmente seus padrões de vida, acabou não realizando seu maior objetivo que era se tornar uma escritora reconhecida por sua produção artística não memorialística.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Carolina Maria de Jesus

JESUS, Maria Carolina de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria*. São Paulo: Ed. Francisco Alves, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. *Pedaços de Fome*. São Paulo: Áquila, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. *Provérbios*. São Paulo: Átila, 1963.

Obras Teóricas

ANDRADE, Leticia Pereira de. *O diário como utopia: Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus*. Tese (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- UFMS, 2008.

AZEREDO, Mônica Horta. “A representação de si e do outro nas falas de Carolina Maria de Jesus e Estamira”, In: *Pelas Margens: representação da narrativa brasileira contemporânea*. DALCASTAGNÉ, Regina e THOMAZ, Paulo C. (orgs.). Vinhedo, Editora Horizonte, 2001.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ed. Ática, 1985.

DALCASTAGNÉ, Regina. “Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 20. Brasília, julho/ agosto de 2002, pp. 33-87.

DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. In: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 03-05.

DANTAS, Audálio. Casa de Alvenaria, história de uma ascensão social. In: JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961, pp. 05-10.

LEAL, Virgínia Marta Vasconcelos. *As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero*. Tese (Doutorado em Teoria Literária)- Universidade de Brasília- UnB, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom de. *Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio*. Revista USP, São Paulo, n. 37, 1998

NOLASCO, Edgard César. “A pobreza é feia e promíscua”, Revista Cerrados, ano 15, n. 21, TEL/UnB, Brasília, 2006, pp.47-58.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *O Estranho Diário da Escritora Vira-Lata*. Tese (Doutorado em Teoria Literária)- Universidade de Brasília- UnB, 2004.

SILVA, José Carlos Gomes da. “Memórias da infância e juventude em Carolina Maria de Jesus (1914-1947)”, Revista Ponto-e-vírgula, no. 2, 2º semestre de 2007.